



TRIBUNA DE COIMBRA

Padre Horácio — um homem de paz

FOI precisamente no lugar onde me encontro a escrever as notas desta *Tribuna* — o nosso Lar de Coimbra — que Padre Carlos, no decorrer da nossa habitual reunião de Padres, surpreendido, me leu em voz alta um pequeno cartão que Padre Horácio nessa manhã lhe entregara. Não me recordei exactamente das palavras, mas o sentido era mais ou menos este com uma concisão surpreendente: «Chegou a hora de dar o meu lugar a outro na Casa de Miranda... Continuarei disponível a dar uma mão noutra Casa ou onde a Obra precisar...». Foi a minha entrada na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Nesse mesmo dia, à noite, a Comunidade reunida, após a oração, ouviu da boca de Padre Horácio: «A partir de hoje Padre João será o Pai desta família...». Era o dia 20 de Junho de 1992. Ficavam para trás mais de quatro décadas dedicadas a esta Casa do Gaiato. Só Deus conhece, por certo, a grandeza de alma que esta atitude encerra. Os escritos do Padre Américo, foram eles que me revelaram a grandeza da vocação do Padre da Rua. A leitura d'O GAIATO alimento. Mas o testemunho conhecido dos Padres é que me fez «dar o salto». De entre todos o do Padre Carlos que conheci ainda muito jovem e o do Padre Horácio, era eu padre «novinho» na Paróquia e Cidade de Castelo Branco. A sua voz era ali conhecida e a sua acção, particularmente na área do Património dos Pobres — imparável. Depois mergulhei aqui. Sentimentos experimentados de imediato: confiança e desprendimento, as chaves, os bens da Casa, as terras... «Agora é consigo...». Depois, fui descobrindo a sua amizade discreta, manifestada mais por gestos do que por palavras. O Padre Horácio era um homem de grande silêncio interior. Possuía um carácter forte e afável, particularmente com os Padres. Desejava que nos encontrássemos com frequência. Pergunta que fazia muitas vezes: — *Padre Carlos ainda não telefonou a marcar a nossa reunião?... Ao menos para nos vermos!...* Quando vim, era mais novo. A mudança não podia deixar de trazer a marca da novidade e da renovação. Sejamos realistas! Renovação nas estruturas, na maneira de educar, etc... Quantas vezes tremi eu mesmo, na minha inexperiência e no rasgo ousado de renovar e sentia no seu olhar interior a confiança necessária. Bem podia Padre Horácio ripostar ao gracejo do nosso Bispo quando, numa visita recente a nossa Casa, referiu com agrado às obras aqui efectuadas: — *Padre Horácio é a força dos novos... e a confiança dos velhos senão podia ser uma trapalhada...*

Padre Horácio era um homem de paz. Preocupava-o a unanimidade dos Padres nos assuntos da Obra. Várias vezes lhe ouvi sobre assuntos pendentes: «*Fale aos nossos Padres... Se concordarem, não veto...*».

Nestes últimos anos o Património dos Pobres foi a sua grande paixão. Às vezes, pedia a minha opinião sobre ajudas a conceder na reparação de casas degradadas ou famílias em necessidade. Numa destas últimas, em que se sentia algo cansado, mandou as pessoas tér comigo, mas com um recado «lateral»: — *Olhe que ela é mãe de dez filhos... Nunca rejeitou nenhum e vivem numa casinha sem condições...*

Continua na página 3

UMA semana cheia com a arrumação do que nos parece mais urgente ante uma ausência prevista de um mês e a intervenção em dois dias de trabalho promovido pela Associação Portuguesa para o Direito dos Menores e da Família.

É belo e nobre, neste mundo cego por interesses do imediato, haver quem se debruce sobre os mais frágeis: as crianças e os jovens; e destes os pior posicionados para o futuro porque existindo em situações de risco provocado por muitas e variadas causas.

Embora frequentemente discordantes do que se diz e faz nesta área, tal acontece a nível de *acidentes*, fruto, geralmente, de uma tendência demasiado teorizante e exclusiva; que, a nível da *essência* dos problemas e da preocupação que eles suscitam, nos julgamos irmanados pelo respeito de quem comunga da mesma dor.

Também o Dia Mundial da Criança, celebrado em 1 de Junho, promete uma forte acção integrada na «*Marcha Global Contra o Trabalho Infantil*», que já começou e continua a nível mundial com o empenhamento de muitas Entidades.

Em opúsculo editado pelo Secretariado Português da

Direito dos Menores e da Família

Global March e denominado de «*Caderno Pedagógico*», oferece-se matéria de reflexão que se deseja mobilizadora e motive mesmo a reagir. Assim:

«*O Trabalho Infantil é uma realidade que não podemos ignorar. No entanto deve haver uma distinção clara entre o trabalho da criança que possa contribuir para o seu desenvolvimento e aquilo que é entendido como exploração do Trabalho Infantil.*

Ocupar a criança em tarefas simples de colaboração familiar, não remuneradas, é importante para o seu desenvolvimento pessoal e social, porque ajuda-a a sentir-se parte integrante da família e da sociedade, desenvolvendo o sentido de responsabilidade e cooperação.

Por outro lado, é bom não esquecer que as famílias são tão capazes de explorar as suas próprias crianças quanto o são os patrões que



Logotipo da Global March

não fazem parte da família. A família pode ser ao mesmo tempo o sítio mais seguro e o mais desprotegido para as crianças, porque as crianças que são exploradas em casa não sabem a quem pedir ajuda.»

É muito importante esta afirmação e distinção. Não é o trabalho, simplesmente, que viola o direito das crianças. Ele tem mesmo um papel indispensável na for-

mação da criança, na sua educação para a cidadania. O veneno vem de fora, vem da exploração do trabalho, seja ela efectuada por estranhos ou até pela própria família.

Com efeito — continua o texto citado:

«*O problema da Exploração do Trabalho Infantil adquire em todo o mundo formas de exploração e níveis de destruição da dignidade das crianças, desconhecidos pela maioria das pessoas. O problema resulta de situações de pobreza, desemprego, má distribuição da terra, exploração sem escrúpulos feita por investidores nacionais e internacionais à procura de lucros fáceis, avultados e rápidos.*

Continua na página 3

Setúbal

Desabafos

VIVEMOS nesta Casa uma longa noite de trevas.

Não que a esperança se tenha desvanecido. Não. Sabemos bem as razões e as forças que nos movem e elas são somente de Esperança e Esperança Eterna.

Temos a certeza que Padre Horácio está no Céu. Na comunhão que sempre o sustentou — a Comunhão com Deus!... Não se alimentou das vaidades do mundo que entram na moda de toda a gente!... Até da Igreja!...

A forma como se deu às quatro ou cinco gerações de rapazes foi seleccionada pelo Grande Modelo Cristo Jesus na sua relação com os homens e os seus discípulos, tendo em vista a Verdade e o sumo bem de cada um.

É evidente que andou no rasto do Padre Américo como experiência imediata, mas a sua luz pedagógica emergia sobretudo d'Aquele que é a Luz.

A exigência é sempre dura para quem é educado, mas mais amarga e árdua para quem educa.

Este Padre que foi pai de muita gente, nunca se demitiu com medo da cruz própria do verdadeiro educador. Nunca foi um simples técnico. Sempre um Pai. Alguém que constante e profundamente se deu àqueles que o Senhor lhe confiou.

Muito menos se alimentou do culto da sua imagem. O que ele detestava.

Os seus escritos despreziosos, são disso prova eloquente. Não rebuscava a frase; repetia idêntico vocábulo, se fosse preciso, no mesmo período; não se metia em grandes lucubrações do pensamento. Expressava-se com a singularidade popular sem afectação.

A forma como vestia, deixava transparecer simplicidade de coração.

Batina preta, tantas vezes surrada pelo trabalho duro, ambientes sujos ou contacto com os Pobres e no tempo frio, também coberta de capa negra igualmente puída.

As ruas e os bairros de lata de Coimbra viram-no assim passar nas décadas de cinquenta e sessenta, a visitar Pobres, a acolher crianças e doentes, a organizar as Colónias do Gaiato

da Baixa ou a construir o bairro de Adémia.

Com a transformação do ambiente cultural o Padre Horácio passava a vestir uma simples camisola de malha usada ou um *kispa* velho dado lá para Casa. Calças e sapatos ou sandálias igualmente oferecidas à Casa do Gaiato.

Não se alimentou do dinheiro ou da fortuna. Mesmo o que construiu na sua Casa e para os seus rapazes teve a marca da pobreza e do sacrifício.

Esta Casa de Setúbal ficou a dever muito à sua partilha. Quando comprei a casa da Arrábida foi ele quem me enviou os primeiros cinco mil contos e com o Padre Telmo me encorajou a seguir em frente.

Alimentou-se, sim, do Pão da Vida. A Pessoa de Jesus, as Suas preferências, a Sua Paixão pelos homens e a sua conversão à *Vida do Pai* e *única Vida* pelo sacrifício da Pobreza em favor dos Pobres.

Posso dizer que o Padre Horácio é um Homem de Deus!

Vi-o muitas vezes junto do Sacrário em contemplação profunda e real a ver a Vida. Não o misticismo que hoje está em voga.

A rezar a Liturgia das Horas, saboreando nos Salmos e nas Leituras a

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

VIÚVAS — Fomos abordados por uma que sofria muitas dificuldades, pois a Segurança Social demora ainda tempo para despachar a pequenina pensão de sobrevivência. São departamentos burocratizados. Elas, as viúvas, precisam de Força anímica para defenderem a sua dignidade no meio em que vivem.

A mulher não sentia coragem de falar connosco e disse porquê, envergonhada: — *Dantes vivia tão bem...! Agora, não!* Temos de ser muito delicados com os novos Pobres!

Avaliámos as necessidades da família — mãe e filhos — servindo o preciso na farmácia, na mercearia, etc.

SEPARADA — A jovem, separada do marido, estava debilhada em lágrimas porque retida em casa, bastantes dias, por doença. Não tinha, por isso, o suficiente para a alimentação dos filhos e para solver vários débitos, também: — *Se pudesse dar a mão no que fosse possível, seria um grande alívio...*

Confirmámos o problema, pelo próprio pai, inclusivé. E acudimos imediatamente com a partilha dos nossos Leitores, voltando a paz àquela gente.

Hoje, chega uma carta a nossas mãos pecadoras:

«É por um impulso de gratidão que estou a escrever. Tão agradecida que não encontro palavras para exprimir o alívio, a ajuda que me deram naquela hora difícil da minha vida! Foram um anjo da guarda que Deus pôs no meu caminho (...).»

Testemunho de gratidão!

PARTILHA — Assinante 66607, do Porto: *«Sobram umas migalhinhas do meu cheque para O GAIATO, que nem chegam para alimentar um pardal! Sempre que recebo as vossas notícias, devoro o Jornal de ponta a ponta; as vossas mensagens são filtradas no Coração de Jesus. Por isso me dão conforto e sinto-me bem no fim da leitura.»*

Ovar: outro remanescente de contas do nosso Jornal, pela mão da assinante 20703, *«sufragando a alma de meu marido.»*

Um cheque, de cinco mil, do assinante 22855, de Santo Tirso, *«pequeno donativo para os Pobres da vossa Conferência, por alma da minha mulher.»*

Duas presenças em que o Sacramento do Matrimónio é rei! Uma Lourdes, de algures, com três mil — sem sabermos quem nem de onde.

A excursão da freguesia de Bom Sucesso (Aveiro) passa, por aqui, uma vez por ano; e, além do mais, deixa sempre

uma oferta para a nossa Conferência: quatro mil escudos.

Setúbal: um Leitor, das terras do Sado, envia *«pequena ajuda destinada a um problema que considerem da maior urgência — são vinte mil escudos para se comemorar os meus 85 anos»*. Parabéns!

Perosinho: outra *«pequena ajuda»*, do assinante 9790, perorando *«uma oração ao Senhor da Messe»* pelas vocações.

Lisboa: assinante 31104 com o habitual cheque, acrescentando: *«perdoem o atraso, mas tenho estado doente. Rezem por mim. A intenção é sempre pelos meus entes queridos.»*

Almada: valioso cheque, de cinquenta mil, expedido pela assinante 55441. *«Pelo atraso, só posso pedir as mais humildes desculpas e Deus me perdoe. O que me tem acontecido, nos últimos anos, deve ser a razão da minha amargura e do meu desamor»*. Não somos dignos de tanta generosidade!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.*

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

PRAIA DE AZURARA — Um pequeno grupo foi destacado para a reparação do portão, do muro e de outras coisas mais, na praia de Azurara.

Quando seguirmos de férias, estará tudo pronto, se Deus quiser.

Estamos contentes porque não tardará o nosso tempo de praia.

PORCOS DA ÍNDIA — Estamos satisfeitos porque os nossos amigos, Plácido e Jaime, da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, ofereceram cinco porcos da Índia. Nasceram quatro, pelo caminho. Temos, agora, nove!

Os nossos irmãos de Miranda do Corvo são bons rapazes! Obrigado.

FUTEBOL — A equipa júnior jogou, em 14 de Maio, e venceu por 5-1 o nosso adversário.

Estamos tristes porque desejávamos defrontar a equipa dos mais velhos de Miranda do Corvo, mas eles não têm equipamento!

Em 21 de Maio recebemos a equipa júnior do Futebol Clube do Porto. Os nossos rapazes gostaram muito de jogar com os representantes do pentacampeão.

Nem vale a pena referir a extraordinária qualidade futebolística da equipa, com a qual perdemos por 5-2. Eles concorrem, inclusivé, ao campeonato nacional de júniores. É um conjunto de jovens com um futuro promissor na vida profissional que abraçaram.

Num gesto muito simpático deixaram, por oferta, o seu equipamento completo que faz muito jeito às nossas equipas. Muito obrigado!

RETALHOS DE VIDA

Alcides



Sou o Alcides de Barros Moreira. Nasci em 12 de Abril de 1990 na freguesia de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa.

A minha mãe abandonou-me quando eu era bebé e não sabemos para onde foi. O meu pai trabalha na construção civil.

Vivíamos num andar de um prédio que não estava acabado, em Castanheira do Ribatejo, sem condições nenhuma para a gente viver. Sem água nem luz.

Até aos cinco anos estive entregue a umas. E, a partir dessa idade, só com meu pai que me fechava em casa, durante todo o dia, e batia-me com violência. Fiquei marcado!

Agora, tenho dez anos. Frequento a terceira-classe da Escola. Nas horas de recreio ajudo um bocadinho na sapataria. E, quando for grande, gostaria de ser médico.

Alcides Moreira

POMBAL — As pombas estão a criar. É bonito ver o amor que os pais têm aos filhos...!

O pombal está a ficar bonito. Plantámos um jardim à porta e, por dentro, apresenta-se agora mais arrumado.

Pedimos aos nossos amigos a oferta de pássaros e pombos/as para renovarmos aquela família. O nossos Leitores são tão amigos que não descumram as nossas necessidades. Deus lhes pague.

PISCINA — Esperamos pacientemente que chegue a altura de tomarmos banho na piscina. É um local de que muito gostamos, num dia de calor arrasante, como o de hoje, em pleno Maio!

SECTOR DA LENHA — Os rapazes ocupados neste grupo, no qual estão alguns «Batatinhas», são os que procedem — como quem brinca — à limpeza das ruas da nossa Aldeia.

Curiosamente, os nossos companheiros, e também alguns visitantes, deitam lixo no

chão em todos os lados, mesmo onde a temos caixotes (para haver limpeza).

Pedimos a todos que ajudem a aliviar a tarefa dos nossos rapazes. Não custa nada. É uma questão de hábito...!

Filipe David

FESTAS — Estamos na recta final da digressão que planeámos para a região norte do País. Várias localidades com as quais nos comprometemos a levar a nossa alegria e a receber o seu carinho.

Nas plateias tem aparecido alguma gente nova, mas gostaríamos fosse muito mais.

Os espectadores e amigos de longa data são os que aparecem em maior número. Para todos eles aqui vai o nosso abraço de amizade pela sua fidelidade.

Os rapazes que participam no elenco continuam entusiasmados! E, agora, temos já muitos outros desejosos de participar também nas próximas Festas que, esperamos, retratem, cada vez melhor, a vida e o espírito da nossa Obra.

Eis o resto da nossa digressão:

9 de Junho, 21.00 h, Salão Paroquial de ERMESINDE.

10 de Junho, 21.00 h, Salão da Junta de Freguesia de EIRIZ (Paços de Ferreira).

«Melão»

Associação dos Antigos Gaiatos de Lisboa

CONVOCATÓRIA — Em 30 de Abril realizámos a Assembleia Geral da Associação dos Antigos Gaiatos de Lisboa com a seguinte ordem de trabalhos:

1. a) Esclarecimentos;
b) Apresentação de contas.
2. Eleição dos novos Corpos Sociais.

Direcção: Presidente, Paulo Renato (Cela); Vice-presidente, José Olindo («Zé do Porto»); Tesoureiro, Luís Fontes; Secretário, José Silva (Silva); 1.º Vogal, Ângelo; 2.º Vogal, Carlos Santana («Manique»); 3.º Vogal, Eduardo Seixas («Sordas»).

Assembleia Geral: Presidente, Eurico; Vice-presidente, Marinho; Secretário, Marques.

Conselho Fiscal: Presidente, Sanches; Vice-presidente, Cícero; Secretário, Ezequiel.

Luís Miguel Fontes

MIRANDA DO CORVO

PADRE HORÁCIO — Em 6 de Maio, os nossos corações foram invadidos por uma grande tristeza: o nosso Padre Horácio faleceu. Nesse dia, com um grupo de rapazes, deslocou-se à Casa do Gaiato de Setúbal (para ver a Festa dos rapazes) onde acabou por falecer.

No dia seguinte, na Casa de Setúbal foi prestada a última homenagem, tendo sido depois o corpo trasladado para a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo onde foi celebrada a Missa de corpo presente pelo Bispo de Coimbra. No dia seguinte, na Lenteira, sua terra natal, foi celebrada Missa pelo Bispo D. Pelino, seu sobrinho. Seguidamente, sepultado no cemitério local junto a seus pais, vestido com uma túnica e no caixão mais pobre que se conseguiu encontrar — como era seu desejo.

CRISMA — Durante o fim-de-semana esteve entre nós o Padre Francisco. Como em muitas outras vezes, é sempre um momento de reflexão. Esteve à conversa com os moços que iam receber o Crisma — para abrirem os corações fechados e lavar-lhes a alma.

No Domingo, na Igreja Matriz de Miranda do Corvo, doze

rapazes nossos receberam o Crisma. Depois, a festa continuou em nossa Casa com a presença dos padrinhos e das catequistas.

AGRICULTURA — Devido à chuva que tem caído, as batatas estragaram-se um bocado. De momento, estamos a sachá-las e adubá-las para ver se ganham mais vida.

A sementeira do milho e do feijão já foi feita.

Quanto aos animais: Os galos foram mortos para a canja do dia do Crisma. De momento, temos nove vacas, vinte e um porcos, doze leitões, oito patos, um ganso, cinco ovelhas e dois carneiros, um dos quais nos foi oferecido, da Covilhã.

José Carlos

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— A nossa Conferência reúne-se todas as quinzenas para darmos testemunho das visitas aos Pobres e podermos encontrar melhor forma de solucionar alguns dos seus problemas.

Tentamos fazer agora um balanço dos Pobres que visitamos; entre eles, alguns estão connosco desde o início e outros já partem.

Há muita pobreza espiritual. As pessoas deixaram de ter respeito por si próprias e sentem-se perdidas. Umaz, porque a vida tem sido madrastra; outras, nada fazem para se levantar e acomodam-se.

Os velhinhos sentem-se explorados pela nossa sociedade, ignorados e desprezados, como se não se tratasse de seres humanos.

Por vezes, os filhos acomodam-se à sombra dos pais e tentam tirar proveito do pouco que eles têm. E quem mais sofre são as crianças, vítimas do insucesso dos pais.

Nas grandes cidades (e neste caso falamos do Porto) há muita miséria escondida, mas também há muitos vícios — temos por isso de actuar com muita prudência.

A nossa Conferência pretende ajudar os necessitados, não os acomodados.

No livro *O Barredo*, Pai Américo escreveu:

«O vicentino é um sofredor. Tem de ser um sofredor! Ou então... não passa de mero recoveiro de esmolas! Ele sofre a impotência de dar remédio total ao mal do Pobre que lhe foi confiado. Sofre por ver o Pobre tão mergulhado na miséria que, às vezes, já nem tem aspiração de melhorar. Sofre por o saber vítima de especuladores sem escrúpulos, que, embora à custa de sangue, se a única porta que se lhes abre no momento das maiores aflições. Sofre porque sendo cristão e vendo no Pobre um irmão diante do Pai Celeste, não encontra nele, tantas vezes, mais do que um triste animal. Porque sabe que em tais condições físicas ele não pode clevar-se à dignidade própria duma alma que não morre.»

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Maio, 65.100 exemplares.

Carlos Gonçalves

MOÇAMBIQUE

Cheias e desabrigados

NA quinzena anterior falei de como em Casa passámos com as cheias. Mas não disse ainda o que aconteceu na Massaca e em Boane e de como temos cuidado das pessoas.

Na Massaca ficaram noventa e sete famílias desabrigadas. A água entrou pelas casas, em algumas arrastou o que estava dentro. Noutras, a lama que se formou no terreno tornou impossível viver nelas. É que uma parte da Aldeia fica mais funda e a água que se infiltrou durante tantos dias de chuva, foi aparecer nessa área. Desapareceram hortas e até as árvores apodreceram.

Em Boane, quem vivia na zona baixa da Vila ou nas proximidades do rio, se não

fugiu a tempo com alguma coisa, ficou sem casa nem nada. Tememos pelos Padres e Seminaristas que vivem no caminho do areal. Soubemos que passaram três dias com os colchões em cima das mesas onde as águas não chegaram. Mas tiveram de abrir, de noite, a porta a cento e cinquenta pessoas que ali pediram socorro. Valeu a casa ter sótão, onde couberam, não sem problemas.

Ora em Boane apareceram trezentas e cinquenta famílias, quase mil e quinhentas pessoas desabrigadas. Na primeira oportunidade em que lá pudemos chegar, levámos quinhentos pátes e quinhentos litros de leite; e durante alguns dias só mesmo isso. Com autori-

zação para ir à Suazilândia, comprámos pratos e panelas, candeeiros de petróleo, algumas conservas, vasilhas para a água e bacias para lavar os bebés. De Casa, além do que já estávamos dando, foram também muitos sacos de milho, moído à pressa, feijão, sal, óleo e tudo aquilo de que pudemos deitar mão. As Irmãs dos Sagrados Corações, que ali trabalham, encarregaram-se da distribuição.

Passados os momentos mais cruciais, a Administração escolheu terreno para o reassentamento das famílias que não podem regressar ao lugar de origem. Em Boane, cento e cinquenta. Com ajudas que nos chegaram, pensámos em habitações provisórias para cem famílias, à

espera que algumas se arranjam enquanto se acode às mães com filhos pequenos — talvez mais de metade — e velhinhas sem família ou com netos. Não há homens para ajudar a levantar as frágeis habitações!

Até me custa chamar-lhes tal. Porque não passam de uma barraca com dez telhas de zinco por cima de um plástico preto a servir de parede. Ver as primeiras que foram levantadas, é confrangedor. Por nossa conta vamos doar blocos, areia e cimento e fazer metade de uma casa a que chamamos melhorada. São seis metros por três. Na Massaca, há muitas. Se algum dia for possível, constrói-se a outra metade. O povo de Boane está mal porque foi enviado para seis quilómetros da Vila, com caminho muito mau, onde o nosso camião tem dificuldade em chegar, agora que não chove quase há uma semana. Não tem sequer onde cortar um pau para fortalecer as paredes e

enquanto não chegarmos lá com tudo, vai ser difícil.

Dadas as péssimas condições em que estavam a viver, colocámos uma equipa com um pedreiro do primeiro grupo de trinta e duas famílias de Boane a fazer latrinas. Procurando mais homens para ajudar os nossos pedreiros, viemos a descobrir que em todo o grupo só há seis homens. Um deles perdeu a perna artificial e anda a tentar que lhe dêem outra e, para já, não se pode contar com ele. Quando chegarem mais grupos, voltamos ao mesmo: cinquenta famílias, doze homens, sendo dois jovens com seus pais. Sabíamos que há homens com três mulheres, algum com cinco, na Massaca. Que haja mulheres abandonadas, também é vulgar porque eles foram para a África do Sul. Mas a percentagem de homens tão baixa, nas famílias desalojadas, é incómodo nesta hora de procurar uma estrutura para a Aldeia que vai nascer. É até o momento adequado da

mulher africana se afirmar. Por isso as vemos a abrir os alicerces de suas casas, a transportar areia e a fazer blocos. Espero vê-las a levantar as casas como pedreiros. Na Assembleia Nacional, neste momento, corre uma discussão sobre a família e elas querem afirmar-se como chefes de família. Honra lhes seja.

A fechar esta que vai longa, um «flash» da vida de Casa. Sentado, no escritório, à procura de gralhas no texto, entra o Emanuel que vem da Escola: — *Papá, hoje aprendi uma letra bonita!* Dei-lhe um papel e com o lápis dele escreveu: *papá*. Ele tem cinco anos. Logo a seguir vem o Américo, de três: — *Papá, quero escrever*. Como ainda não sabe, perguntei: — *O quê?* Responde: — *Pai Américo!* Ora aqui temos duas afirmações de paternidade nascente. Pai Américo me ajude a cimentar nos rapazes o alicerce na «lâmina de limpeza».

Padre José Maria

Direito dos Menores e da Família

Continuação da página 1

A globalização da economia coloca as pessoas em contacto directo com a exploração do trabalho infantil. As pessoas votam em governos que aceitam situações de exploração de trabalho infantil nos seus países e em países com os quais têm relações de cooperação e compram produtos de prestígio mais baratos que muitas vezes são o resultado da exploração da mão de obra infantil.»

A realidade aqui denunciada a propósito da exploração do trabalho infantil, me situa num ponto de partida, universal, para a validade de qualquer solução que remedeie eficazmente os problemas que afectam as crianças e promove tanta desviância entre os jovens. A crise vem do mundo dos adultos que está impregnado de equívocos, de venalidades, de injustiças, de interesses particulares a preservar por qualquer preço — numa palavra: é falso.

Eu trago esta convicção com vigor redobrado, desde a minha estada em Angola, há um ano, pela experiência do sofrimento daquele Povo que bem pode ser equiparado às crianças e jovens, tal a fragilidade das suas defesas perante as forças que o esmagam, desencadeadas pelos poderosos do mundo da

política e da economia, os de lá mesmo e os de outras latitudes e longitudes, detentores de um *status* de que não aceitam ser apeados.

As estratégias usadas para despoluir um rio ao longo do seu curso e na foz não podem ser logradas se a água já brota inquinada da nascente. É aqui que tem de começar a acção regeneradora. Se se teima em não começar aqui, as estratégias não podem ser logradas — são um logro.

É o que me parece de tanto esforço (e bem intencionado!) na procura de soluções para os problemas que afectam as crianças e propiciam muita desviância entre os jovens — se não se prevenirem causas; se não se expurgar de tantos vazios e rasteiras o ambiente que os cerca; se não lhes restituírem, sadias e seguras, com a Autoridade intrínseca que lhes é essencial, as duas referências fundamentais para que haja Educação: a Família e a Escola.

Esta, ainda tem por trás um ministério em busca de si mesmo, vacilante — e com ele toda a Escola vacila.

A Família, que deveria ter lugar de *cardinal-diabo* no seio de um governo, para que, em qualquer dos seus pelouros, pisasse o menos possível os cidadãos — essa nada tem.

Só se for um decreto pela Igualdade de todas com algumas (muitas, graças a Deus! — talvez a maioria...) que podem ser eleitas para modelo.

Padre Carlos

É o discípulo de S. Vicente de Paulo, dando o que possui e lhe dão, realizando o que o seu engenho, fecundo pelo amor de Deus, lhe inspira, ao contemplar a fraqueza das suas soluções, ele, que foi despertado pela dor alheia, continua sofrendo e não se vê poder mais ou melhor do que sofrer.

Portanto, o vicentino, pobre de recursos e de influência, quase sempre, está destinado a sofrer os males que vê e não tem na sua mão curar.

Mas justamente porque é cristão e crê na Comunhão dos Santos, ele sabe que esta angústia é o maior bem que entrega ao seu Pobre. Comunicar com ele nos seus sofrimentos e nas suas consolações. Servi-lo, dar-lhe uma palavra de conformação; ajudá-lo a subir ao nível do humano; semear a Esperança na sua alma; ensinar-lhe a certeza da Misericórdia e Justiça de Deus; interessar-se; viver um pouco da vida dele — é a aspiração e o programa do visitante de Pobres.»

Esta mensagem de Pai Américo fortalece-nos para conti-

nuarmos firmes na caminhada.

Contamos com as ajudas dos Leitores para, assim, minimizarmos as carências dos Pobres.

DONATIVOS — Amiga Dolores, 2.000\$00. Idem, de J.R.D. Oferta de uma professora reformada. Amigo *Zé Ninguém*, 15.000\$00.

Rio Moura, 2.500\$00. Donativo de anónimo, do Porto. Cheque de José Augusto. Assinante 9217, 5.000\$00.

Setúbal, cheque de 3.500\$00. Mais um cheque, da Amadora.

A todos bem hajam e Deus vos proteja.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal vicentino

Continuação da página 1

sabedoria pela qual Deus revela o homem ao próprio homem chamando-o continuamente à perfeição, com a sublimidade e elevação que só Deus tem.

Outra tristeza

OUTRA tristeza que nos marca irremediavelmente foi o arrancarem-nos

Setúbal

abruptamente um menino que aqui fizera o seu ninho afectivo no coração de todos e das senhoras que a ele se deram com a mais perfeita nobreza maternal.

Não é legal que sejamos uma casa de família para os

sem-família. Não é legal. A Casa do Gaiato tal como é, está fora da lei ou então é contra a lei.

Não discutimos sentenças dos Tribunais, mas sofremos duramente a sua desumanidade. Uma criança não é um objecto. E, se é pequenina, há que ter em conta, para não prejudicar os laços afectivos em que vive. Naturalmente que cada período da infância tem as suas regras e merece o necessário acatamento.

O Douto Juiz entende de outra maneira. Tem poder.

Fátima

FUI, a convite da Diocese de Setúbal e do seu Bispo, a Fátima, à beatificação dos Pastorinhos com vinte pequenos dos 8 aos 11 anos!... No mesmo autocarro seguiam dez meninos da Casa de Nossa Senhora da Saúde, dez das Irmãs de Calcutá e mais dez da catequese de Taralhão.

Naturalmente que não foi a facilidade de arranjar crianças para estar com o Papa, em tão sublime celebração, o critério que se impôs a esta escolha, mas sim o carinho pelos mais pobres.

O convite encheu-me de alegria e, por ele, venci todas as dificuldades da vida diária e da espiritualidade das multidões.

Os exemplos de perfeição rareiam tanto em nossos dias que nenhum é demais para as nossas crianças, vítimas das maiores aberrações.

Francisco e Jacinta são verdadeiros heróis que lhes podemos apontar na paixão devoradora e crescente de fazerem a vontade de Deus e, nela, se imolarem até à entrega da própria vida.

Padre João

Padre Acílio

ERRATA

A última edição d'O GAIATO, de 20 de Maio de 2000, saiu com uma gralha: não é o n.º 1465, como está impresso, mas o n.º 1466.

ENCONTROS EM LISBOA

Rendimento Mínimo Garantido

DESDE há algum tempo que o Rendimento Mínimo Garantido se tornou um cavalo de batalha entre forças sociais, grupos e sensibilidades diferentes. Onde uns vêem só êxitos, outros vêem só insucessos. Todos têm exemplos concretos a apresentar e números também. Há dias, achei curioso um número enorme de gente que, segundo as estatísticas, voltaram à Escola, só que a seguir não diziam quantos tinham ido uma, duas ou três vezes e depois desistiram. Também se apresentavam situações de pessoas que com o Rendimento Mínimo Garantido saíram do seu buraco e, agora, até se tornaram empresários. Outros falarão de fraude, em que pessoas têm o Rendimento e ainda por cima outras fontes de rendimento. Creio que, nestes assuntos, temos de compreender que nem tudo é perfeito e sempre houve e haverá oportunistas, bem como os que aproveitam bem a oportunidade. Pai Américo diria que nem que fosse um que se aproveitasse já era bom.

A medida do Rendimento Mínimo Garantido parece-me ser um bem. Temos é que, pouco a pouco, ir afinando a análise para percebermos uma realidade multifacetada que se encontra como campo a abranger.

Creio que existem três questões que não estão a ser encaradas convenientemente: A definição de pobre, o caminho a seguir para se sair de uma dependência crónica e o papel das Comissões Locais de Acompanhamento.

Quanto à definição de pobre. Parece-me que hoje tudo se quer quantificar e, postos de acordo sobre um significativo número de itens, define-se a pobreza como as situações que estão abaixo daqueles indicadores. Só que, nestas coisas, nem tudo é quantificá-

vel. Existem os aspectos subjectivos da pobreza que são determinantes para qualquer projecto de saída da situação. Há realmente pobres que, por várias casualidades, se encontram necessitados de um ingresso de meios e que são capazes de os utilizar convenientemente dado que interiormente não perderam a sua auto-estima, o sentido dos valores, uma normatividade realista capaz de perceber o caminho para se sair da situação. Existem igualmente também aqueles que já perderam a esperança, se habituaram a viver o dia-a-dia sem perspectivas, perderam a noção do trabalho ou nunca a tiveram, acomodaram-se, sem auto-estima nem futuro. Às vezes, ainda são jovens. Requerem muito esforço, muita paciência, muito insucesso.

Quanto ao caminho a seguir, tenho notado que a primeira exigência é a escolaridade. Dar-lhes Escola. Acontece que não tendo motivações muito profundas, a Escola afasta. Inscrevem-se, mas logo de seguida desistem. Se olharmos um pouco para a história do homem, a Escola não vem em primeiro lugar, mas sim o trabalho quer como realização humana quer como meio de garantir a sobrevivência. Dar a uma pessoa que se encontra completamente desmotivada a Escola, é fazer com que desista de imediato porque a Escola nem lhes aparece como necessária nem convidativa e é, para muitos, mais um insucesso acumulado. Se comerçarmos pelo trabalho simples, realizador, pouco a pouco vem a auto-estima e a capacidade e também o desejo de aprender mais. Não estou a desvalorizar a Escola, mas simplesmente a dizer que, em certas ocasiões, não é a prioridade principal. Há tanto trabalho social simples que poderia ser uma Escola para a arte de se ganhar o pão nosso de cada dia com o suor do rosto!

No que diz respeito às Comissões Locais de Acompanhamento, pouco mais fazem do que ser testemunhas de que se estão a preencher inquéritos, a tomar decisões e pouco mais. Estou em crer que havia muito mais a fazer. Antes de mais no acompanhamento das pessoas objecto do Rendimento Mínimo Garantido. Não é só pelo facto de se terem alguns tostões que se muda toda a forma de vida, de higiene, de cultura. Sou do tempo em que as visitadoras das Conferências de S. Vicente de Paulo ajudavam e ensinavam a limpar a casa, a arrumar a roupa, a colocar um vaso de flores em cima da mesa. Este contacto humano falta em todo este procedimento. Não percebi porque é que as paróquias não estão nas Comissões Locais de Acompanhamento, só se tiverem um centro paroquial através deste. Aqui está um bom desafio aos cristãos. Estarem presentes numa situação onde se joga mais o humano do que o económico e onde a relação pessoal no próprio local, carregada de amizade e proximidade pode ser bem mais eficaz do que mil deslocações aos secretariados e instituições onde tudo é muito formal e fora do dia-a-dia. Creio que não se trata de fazer um trabalho concorrencial ou paralelo, trata-se de os cristãos se inserirem de forma positiva e complementar nos locais onde, neste momento, se joga o futuro de muitas pessoas e agregados familiares.

Padre Manuel Cristóvão

QUERO descobrir a beleza escondida por debaixo e ao lado dos escombros feitos pela guerra que teima em não acabar. Quero estar atento e viver o momento presente, dispondo-me a avançar, pouco a pouco, mas com segurança. Na medida em que as pessoas valem muito para mim, pôr-me-ei ao serviço delas e nelas descobrirei a presença de Deus que segura a Obra da Rua e a põe em comunhão com o Povo. Este Povo é um tesouro. Quem o descobre põe nele o seu coração.

No olhar sereno e confiante da mãe, ainda jovem, com os dois gémeos ao colo, a chupar o leite em cada um dos peitos, experimento a felicidade dos corações simples. Felizes! Onde estão os valores autênticos? Nas coisas? No dinheiro? É um engano. É uma ilusão. Somos pessoas. Só as pessoas enchem o coração das pessoas. Esvaziar-se das coisas e abrir-se aos demais é porta da Salvação.

À hora em que escrevo estas notas, é posta mais uma pedra na construção da Angola nova: Chama-se alfabetização. Há uma percentagem assustadora de analfabetos. Algo se fez para combater o mal. A cura mais eficaz está na raiz. A escolaridade das crianças é o primeiro remédio. Por desgraça, centenas de milhares de crianças estão fora da Escola. O analfabetismo alimenta-se neste terreno. Queremos lutar contra este flagelo social. Por isso, está aberta a campanha de alfabetização, em nossa Casa, para as centenas de pessoas que vivem ligadas à nossa vida. O pão é necessário. Há, porém, outras fomes que é preciso matar. A Escola normal funciona com regularidade. Para aí é canalizado o investimento

BENGUELA

Alfabetização

humano e material mais significativo. Vejo cheio de esperança as nossas Escolas e Escolas dos bairros, a abarrotar de crianças conduzidas por mestres que nasceram na nossa Casa. Neste momento, temo-los, em número de quinze, a estudar no Instituto médio normal de educação. São pedras basilares que a Casa do Gaiato coloca no edifício novo da Angola a reconstruir-se.

Angola continua a atravessar um período de prova muito doloroso. Queremos compartilhar a dor daqueles que passam pela provação que lhes é imposta. Quem dera, diante de tamanhos sofrimentos humanos, nesta região, como noutras regiões do mundo, haja um despertar da consciência na busca de gestos de partilha. Somos testemunhas do bem que nos é

feito para ajudar quem nos procura. Da nossa parte, juntamos as gotas do nosso trabalho. São gotas pequeninas, mas não podemos mais.

O cacimbo chegou. O tempo das grandes sementeiras, também. O tractor não tem parado no virar das terras para receberem as sementes. Para já, vem a sementeira da batata. Outras mais estão à porta. Queremos dar a esta actividade o valor de testemunho. Onde se pode trabalhar, deve-se trabalhar. O vale do Cavaco foi, em tempos passados, um grande celeiro de Angola. Hoje, não. A esperança dá alento à nossa vida.

Padre Manuel António

QUANDO Pai Américo tomou posse desta quinta, com o intuito de nela receber rapazes com poucos recursos intelectuais embora válidos para tarefas agrícolas e também doentes sem cura mas desejosos de viver, pediu ao arquitecto que lhe projectasse uma capela para rezar. Não foi um pedido irónico, já que todas as igrejas são edificadas para esse fim. Contudo, Pai Américo lá tinha as suas razões! E a capela ergueu-se em estilo neo-românico, em perpiano, com porta em arco e apenas quatro frestas nas paredes graníticas por onde entram estreitas fatias de luz, a que se junta a pequena luz trémula da candeia, quebrando com suavidade a palidez da capela-mor.

É, pois, na penumbra que o interior vive e convida ao recolhimento. Quando vejo as novas igrejas repletas de luz, lembro-me da nossa capela escurecida. Na claridade o espírito dispersa-se facilmente. Tudo nela convida à distração. Naturalmente, o olhar prende-se às imagens, aos enfeites, às pessoas presentes. Por vezes, é forte a tentação de tornar as igrejas galerias de arte e de decoração ou locais apropriados para exibição de modas, tal o a p r u m o com que as

CALVÁRIO

A capela

pessoas se apresentam e mostram aos demais. O espírito dispersa-se. A atenção vai toda para o que a rodeia.

Na penumbra tudo se some. Todos somos iguais. O espírito não é tentado a olhar para fora, mas para dentro. Porém, há quem tenha receio de olhar para dentro de si próprio. Mas faz tão bem!

Naquele tempo, Jesus retirava-Se muitas vezes para lugares escuros e passava a noite a rezar. Só a claridade do Pai Celeste o inundava interiormente. Os Apóstolos conheciam bem aqueles lugares, diz-nos um Evangelista. Também Jesus tinha as Suas razões para escolher a noite e a sua penumbra, a fim de orar melhor e encontrar-Se com o Seu Pai. Ele deve, pois, gostar de estar a rezar em nossa capela, onde o acessório foi dispensado e a luz não incomoda.

Aliás, a oração requer apenas a presença do homem diante de Deus, com Cristo a servir de ponte. Ele que é o Pontífice de todos nós. Tudo quanto romper esta intimidade é estorvo.

Pai Américo que rezava de olhos fechados, em silêncio, tinha as suas fortes razões para desejar esta capela tão simples.

Padre Baptista

PENSAMENTO

A Criança tem direito à verdade.

PAI AMÉRICO

Festas

Coimbra

As nossas Festas aproximam-se e tudo anda atarefado. Os cenários já estão prontos. Faltam só alguns adereços e algumas roupas.

Temos intensificado os ensaios para que as coisas saiam o melhor possível. As Festas dão-nos sempre muito trabalho e tiram-nos muitas horas. Mas vale sempre a pena o esforço, e tudo estará pronto para a primeira actuação em nossa Casa. Depois, sairemos aos fins-de-semana para as terras onde costumamos actuar. Esperamos pela vossa comparência nas plateias para partilharmos alegria convosco.

Pedro César

- 3 de Junho — 15.30 h, Auditório do Instituto da Juventude, CASTELO BRANCO.
- 4 de Junho — 21.30 h, Teatro Alves Coelho, ARGANIL.
- 9 de Junho — 21.30 h, salão dos Bombeiros Voluntários, CANTANHEDE.
- 10 de Junho — 21.30 h, salão do Centro Paroquial de FEBRES.
- 11 de Junho — 21.30 h, salão dos Bombeiros Voluntários, MEALHADA.
- 16 de Junho — 21.30 h, salão dos Bombeiros Voluntários, TOMAR.
- 17 de Junho — 21.30 h, salão da Casa do Povo, MIRA.
- 18 de Junho — 16.00 h, Casino da FIGUEIRA DA FOZ.
- 23 de Junho — 21.30 h, Centro Paroquial de SOURE.
- 24 de Junho — 21.30 h, Pavilhão do Beira-Mar, AVEIRO.
- 25 de Junho — 21.00 h, salão dos Bombeiros Voluntários, ANADIA.
- 30 de Junho — 21.30 h, salão polivalente da Igreja de S. José, COIMBRA.

Lisboa

- 4 de Junho — 15.30 h, salão da Igreja de RIO DE MOURO.
- 11 de Junho — 15.30 h, salão polivalente da Junta de Freguesia, ODIVELAS.
- 22 de Junho — 21.30 h, salão dos Bombeiros Voluntários, FANHÕES.

Setúbal

- 20 de Maio — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Humanitária, PALMELA.
- 27 de Maio — 21.30 h, PINHAL NOVO.
- 11 de Junho — 16.30 h, salão paroquial, MONTIJO.
- 17 de Junho — 21.30 h, Sociedade Incrível Almadense, ALMADA.
- 24 de Junho — 21.30 h, Escola Salesiana do ESTORIL.
- 1 de Julho — 21.30 h, Grupo Desportivo e Recreativo de SESIMBRA.
- 8 de Julho — 21.30 h, Luísa Todí, SETÚBAL.

Datas a anunciar — AZEITÃO e MOITA.